

## **Será o livre-arbítrio uma ilusão?**

Este é um problema central da Filosofia da Acção. Neste pequeno texto, vou defender a tese de que o livre-arbítrio não é uma ilusão, isto apesar de haver teorias filosóficas que negam tal coisa, por exemplo, os defensores do chamado determinismo radical.

Temos uma forte intuição de que temos livre-arbítrio. Claro que as nossas intuições podem falhar, mas seria preciso mostrar porquê, o que neste caso não é fácil. Ora, se tudo estivesse totalmente determinado, não só o universo físico, mas também o domínio das nossas acções, então parece que não seríamos livres de fazer verdadeiras escolhas. Por exemplo, se eu chutar numa pequena bola e se esta estiver determinada a bater noutra bola (devido à força que nela apliquei e à direcção em que o fiz), será que nunca conseguirei impedir isso? Claro que sim. É-me possível, pelo menos em algumas circunstâncias, desviar o percurso da bola de maneira a que esta não bata na outra bola. Qualquer pessoa que defenda que o livre-arbítrio é uma ilusão, pode defender que mesmo o meu desviar do percurso da bola, também já estava determinado, quer por acontecimentos anteriores quer pelas leis da natureza. Mas se realmente o livre-arbítrio fosse uma ilusão, nós viveríamos com a ilusão de termos essa capacidade, e por muito que pensássemos que estávamos a agir livremente, isso seria puramente uma ilusão. Mas uma teoria que defende que cometemos um engano sistemático e que sabemos disso é pouco plausível.

Se não tivéssemos livre-arbítrio éramos uma espécie de máquinas complicadas, comandadas unicamente pelo Universo. Mas mesmo que o Universo físico seja determinista, e nós façamos também parte dele, não se segue que as nossas acções o sejam. Nomeadamente, acções que sejam intencionalmente em parte aleatórias não podem ser totalmente determinadas, se forem realmente tomadas contando com o acaso, como, por exemplo, se eu decidir que irei fazer aquilo que estiver escrito num bilhete que irá sair de uma máquina em que estão milhares de bilhetes escritos com indicações de coisas que eu possa fazer.

Por tudo isto, concluo que o livre-arbítrio não é uma ilusão.

Sara Guerreiro, 10º C, nº 23